

Questão 10

Leia os textos.

– Eu acho que nós, bois, – Dançador diz, com baba – assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei...

João Guimarães Rosa, “Conversa de bois”. Sagarana.

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
(...)

Carlos Drummond de Andrade, “Um boi vê os homens”.
Claro enigma.

- a) Em ambos os textos, o assombro de quem vê decorre das avaliações contrastantes sobre quem é visto. Justifique essa afirmação com base em cada um dos textos.
- b) O conto de Rosa e o poema de Drummond valem-se de uma mesma figura de linguagem. Explícite essa figura e justifique sua resposta.

RESPOSTA

- a) No conto “Conversa de Bois”, a avaliação que Dançador faz do homem é que trata-se de um ser que pode transcender a sua própria natureza. É isso que o boi quer dizer ao se referir às “partes mágicas” do homem, suas mãos. Com elas o homem modifica o meio e se modifica, ao contrário do que pode fazer o boi. É essa capacidade de transcendência que causa assombro ao boi. Já no poema de Drummond, o homem é visto pelo boi como um ser apartado da natureza. Um ser isolado e, por isso, destituído de capacidade de interação com os elementos naturais. É isso que leva o boi a estabelecer contraste entre a sua natureza e a do homem identificando neste último sua tristeza característica, o que lhe causa assombro.
- b) A figura de linguagem que ambos autores utilizam é a prosopopeia, responsável por atribuir emoções humanas a seres inanimados, ou animais. Esse recurso pode ser percebido no primeiro texto por meio da conversa entre os bois, enquanto no segundo a personificação é o próprio boi narrador.